

um bom partido

curtis sittenfeld

Tradução de Sónia Maia

Para Samuel Park,
entusiasta de Austen e querido amigo

Quando chegar o fim do mundo, quero estar em Cincinnati,
porque está sempre 20 anos atrasada no tempo.

— MARK TWAIN

PRIMEIRA
PARTE

CAPÍTULO I

MUITO ANTES DA sua chegada a Cincinnati, já toda a gente sabia que Chip Bingley estava à procura de uma esposa. Dois anos antes, Chip — formado pela Faculdade de Dartmouth e pela Faculdade de Medicina de Harvard, e descendente dos Bingleys da Pensilvânia, que, no século xx, tinham feito fortuna com sistemas de canalização — aparecera, aparentemente com alguma relutância, no arrasador *reality show* *Bons Partidos*. No outono de 2011, durante oito semanas, 25 mulheres solteiras viveram juntas numa mansão no Rancho Cucamonga, na Califórnia, competindo pelo coração de Chip: acompanhando-o em saídas para jogar *blackjack* em Las Vegas e provar vinhos nas vinhas de Napa Valley, discutindo e caluniando-se entre si, tanto a sós como na presença dele. No final de cada episódio, cada mulher recebia dele um beijo nos lábios, o que queria dizer que podia continuar em jogo, ou um beijo na face, o que significava que teria de voltar imediatamente para casa. No último episódio, em que só restavam duas mulheres — Kara, uma antiga chefe de claque da faculdade de 23 anos, com olhos grandes e caracóis louros, que se transformara numa professora da segunda classe em Jackson, no Mississípi, e Marcy, uma morena traiçoeira mas tentadora de 28 anos, higienista dentária em Morristown, Nova Jérсия —, Chip chorou profusamente e recusou-se a pedir qualquer delas em casamento. Eram ambas extraordinárias, segundo afirmou, deslumbrantes, inteligentes e sofisticadas, mas não sentia com qualquer delas aquilo a que chamou «uma ligação espiritual». A tirada de Marcy que se seguiu consistiu essencialmente em palavras que, de acordo com as regras da FCC¹, foram cobertas por um bipe, embora nem mesmo esse artifício tenha servido para esconder a sua raiva.

— Não é por ele ter estado naquele programa idiota que eu quero que ele conheça as nossas meninas — disse a Sra. Bennet ao marido ao pequeno-almoço, numa manhã do final de junho. Os Bennets viviam em Grandin Road, numa enorme mansão Tudor de oito quartos, no bairro de Hyde Park, em Cincinnati. — Nunca o vi sequer. Mas ele andou na Faculdade de Medicina de Harvard, sabes?

¹ Federal Communications Commission, o equivalente, nos EUA, à ERC em Portugal — *N. da T.*

— Já o tinhas mencionado — disse o Sr. Bennet.

— Depois de tudo o que passámos, não me importava de ter um médico na família — comentou a Sra. Bennet. — Podes achar que estou a ser interesseira, mas eu chamo a isto esperteza.

— Interesseira? — repetiu o Sr. Bennet. — Tu?

Cinco semanas antes, o Sr. Bennet fora submetido de emergência a uma cirurgia de *bypass* coronário; após uma recuperação morosa, o seu típico humor sardónico regressara apenas há alguns dias.

— O Chip Bingley nem sequer queria entrar no *Bons Partidos*, mas a irmã nomeou-o — disse a Sra. Bennet.

— Então os *reality shows* não são muito diferentes do Prémio Nobel da Paz — observou o Sr. Bennet —, já que é preciso ser-se nomeado para ambos.

— Gostava de saber se o Chip arrendou ou comprou uma casa — disse a Sra. Bennet. — Isso seria um indício de quanto tempo pretende passar em Cincinnati.

O Sr. Bennet pousou a sua torrada.

— Considerando que esse homem é um desconhecido para nós, parece surpreendentemente interessada nos pormenores da vida dele.

— Eu não diria *desconhecido*. Está no Serviço de Urgência do Hospital Christ, o que significa que o Dick Lucas deve conhecê-lo. O Chip é muito bem-falante, ao contrário daqueles jovens ignorantes que costumam aparecer na televisão. E também é muito bonito.

— Pensei que nunca tinhas visto o programa.

— Só apanhei uns minutos, quando as miúdas estavam a ver — a Sra. Bennet olhou petulantemente para o marido. — Não devias discutir comigo. É mau para a tua recuperação. De qualquer maneira, o Chip podia ter feito carreira na televisão, mas preferiu voltar à medicina. E nota-se que é de boas famílias. Fred, estou mesmo convencida de que ter-se mudado para cá precisamente quando a Jane e a Liz estão em casa é a bonança depois dos nossos problemas. — As duas mais velhas das cinco irmãs Bennet tinham vivido em Nova Iorque durante a última década e meia; haviam voltado abrupta, embora temporariamente, a Cincinnati por causa do problema de saúde do pai.

— Minha querida — disse o Sr. Bennet —, se uma marioneta com um fundo de investimento e um diploma de medicina tirado em Harvard se tivesse mudado para cá, acharias que era o ideal para casar com uma das nossas meninas.

— Troça de mim o quanto quiseres, mas o tempo está a passar. Não, a Jane não parece ir fazer 40 anos em novembro, mas qualquer homem que saiba a sua idade pensará duas vezes no que isso significa. E a Liz não é muito mais nova.

— Há muitos homens que não querem ter filhos — o Sr. Bennet bebeu um gole de café. — Eu ainda não tenho a certeza se quero.

— Uma mulher na casa dos 40 *pode* dar à luz — disse a Sra. Bennet —, mas não é tão fácil como os meios de comunicação nos querem fazer crer. A filha da Phyllis e do Bob fez todos os tratamentos possíveis e acabou por ter de ficar com a pequena Ying, de Xangai. — Ao levantar-se, a Sra. Bennet deitou uma olhadela ao seu relógio de pulso de ouro e mostrador oval. — Vou telefonar à Helen Lucas, para ver se ela consegue arranjar maneira de sermos apresentados ao Chip.

CAPÍTULO 2

ERA SEMPRE A Sra. Bennet que dava graças nos jantares de família — gostava da oração anglicana para as refeições — e, nessa noite, mal a palavra *ámen* lhe passara pelos lábios, anunciou, com entusiasmo incontido:

— Os Lucas convidaram-nos para um churrasco no 4 de Julho!

— A que horas? — perguntou Lydia, que, com 23 anos, era a Bennet mais nova. — Porque eu e a Kitty temos planos.

Mary, que tinha 30 anos, disse:

— Os fogos de artifício nunca começam antes de escurecer.

— Fomos convidadas para uma pré-festa no Monte Adams — disse Kitty. Tinha 26 anos, sendo a mais próxima de Lydia tanto em idade como em temperamento; porém, ao contrário dos padrões habituais entre irmãos, seguia os exemplos da irmã mais nova, que a desviava dos bons caminhos.

— Mas eu ainda não vos disse quem vai estar no churrasco — da sua ponta da comprida mesa de carvalho da cozinha, a Sra. Bennet sorriu abertamente. — O Chip Bingley!

— O chorão do *Bons Partidos*? — perguntou Lydia, e Kitty deu umas risadinhas, enquanto Lydia acrescentava: — Nunca vi uma *mulher* chorar tanto como ele no último episódio da temporada.

— O que é um chorão do *Bons Partidos*? — quis saber Jane.

— Oh, Jane — disse Liz. — Que inocente e pura. Já ouviste falar no *reality show Bons Partidos*, não já?

Jane semicerrou os olhos.

— Acho que sim.

— Ele esteve lá há uns anos. Foi o tipo com 25 pretendentes.

— Não me parece que alguma de vós consiga compreender o terror que um homem pode sentir ao encontrar-se em tal inferioridade numérica — comentou o Sr. Bennet. — Eu choro muitas vezes, e vocês são apenas seis.

— O *Bons Partidos* é degradante para as mulheres — afirmou Mary, e Lydia redarguiu:

— Claro que tinhas de achar isso.

— Mas, temporada sim temporada não, é uma mulher e 25 homens — observou Kitty. — Chama-se a isso igualdade.

— As mulheres humilham-se a um ponto a que os homens não chegam — disse Mary. — Estão tão desesperadas.

— O Chip Bingley andou na Faculdade de Medicina de Harvard — informou a Sra. Bennet. — Não é um desses sujeitos vulgares à maneira de Hollywood.

— Mãe, a sua vulgaridade à maneira de Hollywood é a única razão por que alguém em Cincinnati quer saber dele — disse Liz.

Jane virou-se para a irmã.

— Sabias que ele estava cá?

— Tu não sabias?

— Qual de nós gostava que ele escolhesse, mãe? — indagou Lydia. — Ele é velho, não é? Por isso, presumo que a Jane.

— Obrigada, Lydia — agradeceu a irmã.

— Ele tem 36 anos — respondeu a Sra. Bennet. — Isso torna-o adequado tanto para a Jane como para a Liz.

— E porque não para a Mary? — perguntou Kitty.

— Não me parece ser o estilo da Mary — opinou a Sra. Bennet.

— Porque ela é lésbica — disse Lydia. — E ele não é uma mulher.

Mary deitou-lhe um olhar furioso.

— Em primeiro lugar, não sou lésbica. E, mesmo que fosse, preferia ser lésbica do que sociopata.

Lydia fez um sorriso afetado.

— Essas características não são incompatíveis.

— Toda a gente está a ouvir isto? — Mary virou-se para a mãe, ao fundo da mesa, e depois para o pai, à cabeceira. — Há qualquer coisa de muito errado com a Lydia.

— Não há nada de errado com nenhuma de vós — disse a Sra. Bennet. — Jane, como se chama este legume? Tem um sabor invulgar.

— São espinafres — disse Jane. — Estufei-os.

— Para dizer a verdade — comentou o Sr. Bennet —, há uma coisa errada em todas vós. São adultas e deviam estar a viver sozinhas.

— Pai, viemos para casa para tomar conta de si — explicou Jane.

— Já estou bem. Voltem para Nova Iorque. Tu também, Lizzy. Como és a única que se recusa a aceitar dinheiro, e, o que não é uma coincidência, também a única que tem um verdadeiro emprego, devias dar o exemplo às tuas irmãs. Em vez disso, elas estão a arrastar-te para baixo.

— A Jane e a Lizzy sabem como o meu almoço é importante — declarou a Sra. Bennet. — É por isso que ainda aqui estão. — O evento a que a Sra. Bennet se referia era o almoço anual de angariação de fundos para a Liga das Mulheres de Cincinnati, que, nesse ano, estava marcado para a segunda quinta-feira de setembro. Sendo membro da liga desde os 20 anos, a Sra. Bennet ia ser, pela primeira vez, a organizadora do almoço e, como relembra com frequência aos membros da sua família, a enorme pressão e a responsabilidade desse papel deixavam-na, lamentavelmente, incapaz de cuidar do marido enquanto ele recuperava. — Bem, o churrasco dos Lucas está marcado para as 4h — continuou a Sra. Bennet. — Lydia e Kitty, dá mais do que tempo para se juntarem a nós e chegarem à vossa festa antes do fogo de artifício. A Helen Lucas convidou alguns jovens do hospital além do Chip Bingley, por isso seria uma pena que não os conhecessem.

— Mãe, ao contrário das nossas irmãs, eu e a Kitty conseguimos arranjar namorados sozinhas — disse Lydia.

A Sra. Bennet olhou, da sua ponta da mesa, para o marido.

— Se alguma das nossas meninas casar com um médico ficarei satisfeita, sim — disse-lhe. — Mas, Fred, se isso as fizer sair de casa, parece-me que tu também ficarás.

CAPÍTULO 3

NO CAMPO PROFISSIONAL, o Sr. Bennet fizera muito pouco, tendo sustentado a família graças a uma herança substancial mas cada vez mais reduzida, e as suas observações acerca da indolência das filhas eram bastante hipócritas. Contudo, não deixava de ter razão. Na verdade, não seria de admirar que alguém de fora se perguntasse o que *faziam* as irmãs Bennet, dia após dia e ano após ano. Não era que não tivessem estudos: pelo contrário, dos 3 aos 18 anos todas tinham frequentado a Escola Seven Hills, uma instituição mista exigente mas acolhedora, onde, nos seus anos de infância, tinham decorado canções como *Fifty Nifty United States*² e colaborado — na Seven Hills a colaboração era fundamental — com os colegas de turma na construção de enormes estegossauros ou triceratops em *papier mâché*. Nos anos mais adiantados tinham lido *A Odisseia*, ajudado a organizar a Feira Anual das Colheitas e feito viagens opcionais de verão a França e à China; durante todo esse tempo tinham jogado futebol e basquetebol. A conta acumulada de todo este ensino progressista e abrangente fora de 800 000 dólares. As cinco raparigas tinham, depois, seguido para universidades particulares e, finalmente, adotado o que se poderia eufemisticamente chamar carreiras não lucrativas, embora, no caso de algumas delas, a expressão inutilidade não lucrativa talvez fosse mais exata. Kitty e Lydia nunca haviam trabalhado mais de alguns meses de cada vez, como amas desmotivadas ou empregadas de balcão na Abercrombie & Fitch ou na Banana Republic, no Rockwood Pavilion. Da mesma forma, tinham vivido sob tetos que não o dos pais apenas por curtos períodos, experiências de quase-independência que sempre haviam acabado em discussões dramáticas com amigas anteriormente íntimas, em arrendamentos interrompidos e no transporte furioso dos seus bens, dentro de cestos de roupa suja ou de sacos de lixo, de volta à mansão Tudor. As ocupações principais das irmãs Bennet mais novas eram almoçar no Green Dog Café ou no Teller's, mandar mensagens e ver vídeos nos *smartphones*, além de fazer exercício. Cerca de um ano antes, Kitty e Lydia tinham-se dedicado ao CrossFit, um regime intenso composto por exercícios de força e restrições, que incluía levantamento de pesos, *kettlebells*, cordas oscilatórias, acrónimos obscuros, a renúncia à maioria dos alimentos além da carne e uma atitude trocista para com as massas fracas e ignorantes que ainda acreditavam que a corrida era exercício suficiente

² «Cinquenta Maravilhosos Estados Unidos» — *N. da T.*

e que um *bagel* era um pequeno-almoço aceitável. Naturalmente, todos os Bennets, exceto as próprias Kitty e Lydia, faziam parte dessas massas.

Entretanto, Mary estava a tirar o seu terceiro mestrado *online*, desta vez em psicologia; os anteriores tinham sido em justiça criminal e administração de empresas. Sendo a irmã de aparência menos exuberante, Mary considerava a sua decisão de viver com os pais uma prova do seu empenho na vida intelectual em detrimento dos bens materiais, e também um reflexo da sua aversão ao desperdício, já que o quarto da sua infância ficaria vazio se ela não estivesse ali para o ocupar. Segundo esta lógica, Mary evitava o desperdício com verdadeira mestria, já que mal saía do quarto durante vários dias, fechando-se lá com os seus estudos, ficando acordada até tarde e dormindo também até tarde. Abria uma exceção para uma excursão regular às terças à noite, mas, se questionada acerca dessa misteriosa saída semanal, respondia com maus modos «não é da vossa conta», ou, pelo menos, isso era o que respondia quando os outros membros da família ainda lhe faziam perguntas sobre o assunto. Também nesses tempos remotos, Lydia sugeria: «Reunião dos AA? Clube literário para lésbicas? Reunião das AA lésbicas?»

Jane e Liz sempre tinham tido empregos, mas, mesmo no caso delas, uma certa consciência da rede de segurança que tinham por baixo permitira-lhes dar prioridade aos seus interesses pessoais e não à remuneração. Jane era instrutora de ioga, um cargo que poderia bastar para pagar a renda numa cidade como Cincinnati, mas não em Manhattan, e menos ainda no Upper West Side, onde residia há 15 anos. Embora também Liz tivesse passado as décadas dos seus 20 e 30 anos em Nova Iorque, durante a maior parte desse tempo, até se ter, recentemente, mudado para o bairro de Cobble Hill, em Brooklyn, habitara em prédios lúgubres sem elevador nos bairros da periferia. Uma exceção a este padrão fora o apartamento na esquina entre a Rua 72 e a Amsterdam, que as irmãs haviam partilhado pouco depois de Liz se ter formado na Universidade Barnard, no final dos anos 90, apenas um ano após a licenciatura de Jane na mesma faculdade. Embora se tivessem dado bem enquanto companheiras de casa, a coabitação das irmãs chegara ao fim quando Jane ficara noiva de um afável analista de fundos de cobertura chamado Teddy; o desconforto da Sra. Bennet por Jane e Teddy terem ido viver juntos antes do casamento fora atenuado pela licenciatura de Teddy obtida em Cornell e pelo seu emprego lucrativo. Infelizmente, a tomada de consciência de Teddy da sua atração por outros homens acabara por inviabilizar uma união permanente com Jane, embora ela e o seu

ex-noivo se tivessem separado amigavelmente e, uma ou duas vezes por ano, tanto Liz como Jane ainda se encontrassem com Teddy e com o seu delicioso companheiro, Patrick, para um *brunch*.

Liz passara toda a sua vida profissional a trabalhar em revistas, tendo sido contratada logo à saída da universidade para verificar factos numa publicação semanal conhecida pela sua cobertura incisiva da política e da cultura. Daí, saltara para a *Mascara*, uma revista feminina mensal que assinava desde os 14 anos, atraída tanto pela postura feminista dessa publicação como pela sua preferência descarada por sapatos e cosméticos. Primeiro, foi assistente editorial, depois editora associada, em seguida editora de conteúdos; mas, aos 31 anos, compreendendo que a sua paixão era contar histórias e não editá-las, Liz tornara-se redatora genérica da *Mascara*, cargo que ainda ocupava. Embora a redação tendesse a ser mais mal paga do que a edição, Liz achava que tinha o emprego dos seus sonhos: viajava regularmente e entrevistava pessoas bem-sucedidas e, por vezes, famosas. Contudo, as conquistas profissionais de Liz não impressionavam a sua família. Mesmo depois de todo aquele tempo, o pai ainda fingia não se lembrar do nome da *Mascara*. «Como vão as coisas na *Verniz?*», perguntava, ou «Há novidades na *Batom?*» Mary dizia muitas vezes a Liz que a *Mascara* reforçava padrões de beleza opressivos e de exclusão; mesmo Lydia e Kitty, que não tinham problemas com padrões de beleza opressivos e de exclusão, não demonstravam qualquer interesse pela revista, talvez por não serem apreciadoras de revistas nem de livros e limitarem as leituras aos ecrãs dos seus telefones.

E, no entanto, ainda que o emprego de Liz fosse menosprezado por aqueles que lhe eram próximos, era o seu carácter flexível que lhe permitia estar ali durante a convalescença do pai, e o mesmo acontecia com Jane, que tirara uma licença do estúdio de ioga onde trabalhava. Cinco semanas antes, as duas irmãs tinham-se deslocado até Cincinnati bastante assustadas com a operação do Sr. Bennet, cujo resultado era incerto. Quando se tornou claro que ele recuperaria totalmente, Liz e Jane já estavam profundamente envolvidas tanto na sua recuperação como nas tarefas diárias da casa: faziam compras no supermercado e preparavam refeições saudáveis para o coração para toda a família; revezavam-se a levar o Sr. Bennet às consultas médicas, incluindo ao ortopedista que tratava do braço que o Sr. Bennet partira quando desmaiara, durante o primeiro problema cardíaco, e caíra, ao cimo das escadas, no átrio do segundo andar. (Como tinha o braço direito engessado, o Sr. Bennet não podia conduzir.) Além disso, embora

ainda não tivessem feito grandes progressos nesse sentido, Liz e Jane tentavam arrumar e limpar a mansão Tudor, que estava atulhada e cheia de pó.

Embora, em teoria, as outras irmãs pudessem desempenhar todas essas tarefas, as mais novas não pareciam inclinadas a tal. Apesar de não haver dúvida de que também haviam ficado abaladas com o problema cardíaco do pai, esse abalo não as levava a alterar os seus afazeres diários: Lydia e Kitty continuavam com o CrossFit e com os almoços demorados em restaurantes, enquanto Mary emergia esporadicamente do quarto para tentar entabular com os membros da família conversas sobre mortalidade. Na cozinha, ao ver o pai beber o líquido à base de cascas de semente de psílio em pó destinado a compensar os efeitos obstipantes dos medicamentos para as dores, Mary anunciara que considerava a visão índia da vida e da morte como um ciclo muito mais avançada do que a propensão ocidental para atos heroicos, o que fizera o Sr. Bennet despejar o resto da bebida no lava-louça, dizer «Por amor de Deus, Mary, cala-te de uma vez» e abandonar a divisão.

A Sra. Bennet expressava grande preocupação com a provação do marido — na verdade, mal conseguia falar da noite em que ele fora hospitalizado sem soluçar, ao lembrar-se do susto que apanhara — mas não podia servir-lhe de enfermeira ou de motorista por causa das suas pesadas obrigações relacionadas com o almoço da Liga das Mulheres.

— E se a mãe pedisse a outra pessoa do comité que a substituísse, e fosse a organizadora no ano que vem? — perguntara, um dia, Liz, quando o Sr. Bennet ainda estava no hospital. A mãe olhara para ela, horrorizada.

— Oh, nunca mais ia acabar de passar a pasta — dissera a Sra. Bennet. — Lizzy, todos aqueles objetos que foram pedidos para o leilão fechado... só *eu* estou a par de tudo.

— Então e se criasse uma tabela *online* que toda a gente pudesse ver? — como a Sra. Bennet não sabia mexer em computadores, Liz acrescentara: — Eu poderia ajudá-la.

— Está fora de questão — declarara a Sra. Bennet. — Também sou eu que tenho falado com a florista, e fui eu que tive a ideia de fazer guardanapos com a insígnia da liga. Não se pode passar assim as coisas, a meio, a outra pessoa.

— Será que a mãe odeia o pai em segredo? — perguntou Liz a Jane na manhã seguinte, quando as duas irmãs tinham saído para correr. — Porque a verdade é que não lhe dá apoio nenhum.

— Acho que ela só não quer encarar o facto de que a situação podia ter sido muito grave — disse Jane.

Porém, depois do regresso do Sr. Bennet a casa, Liz perguntou-se se estaria enganada, não acerca da antipatia da mãe pelo pai mas apenas sobre esta ser secreta. Embora os pais tivessem retomado os seus habituais almoços juntos no Clube de Campo de Cincinnati assim que o Sr. Bennet teve energia para isso, dentro da mansão Tudor os dois membros do casal levavam vidas, em grande medida, separadas. Com efeito, o pai já não dormia no quarto principal, mas numa cama estreita em forma de trenó que colocara no seu escritório, no segundo andar, tendo essa mudança sido implementada antes da sua estadia no hospital. Quando Liz perguntou a Mary há quanto tempo durava aquilo, ela semicerrou os olhos e disse:

— Cinco anos? Ou, sei lá, dez?

A consternação de Liz foi reforçada pelo facto de, embora o Dr. Morelock tivesse referido expressamente a importância de o Sr. Bennet adotar uma dieta pobre em carnes vermelhas, sal e álcool, a Sra. Bennet ter recebido o marido de volta a casa com um aperitivo de uísque e *Cheetos* seguido de um bife para o jantar. Ao ver que o jantar do dia seguinte seria rosbife, Liz perguntou depois, discretamente, à mãe se não se importaria de fazer pratos de frango ou de salmão.

— Mas a Kitty e a Lydia gostam de carne de vaca, porque é um alimento dos homens das cavernas — protestou a Sra. Bennet.

— Mas o pai teve um ataque cardíaco — observou Liz.

Desde então, todas as noites, ela e Jane revezavam-se a preparar o jantar. Combinaram também ficar em Cincinnati até ao fim de semana a seguir ao almoço da Liga das Mulheres. Liz duvidava que a mãe começasse nessa altura a cuidar do pai; no entanto, visto que, nessa data, o pai já teria tirado o gesso, a sua fisioterapia já estaria bastante avançada, senão terminada, e já poderia conduzir, pelo que esperava que já estivesse em condições de tratar de si próprio.

CAPÍTULO 4

— APITA PARA a tua mãe saber que estamos à espera — disse o Sr. Bennet. No grande caminho de acesso circular da mansão Tudor, aguardando a

partida para o churrasco dos Lucas, Liz estava no lugar do condutor do *sedan* Lexus da mãe, com o Sr. Bennet no lugar do passageiro e Jane no banco de trás.

— Ela já sabe — respondeu Liz, e o Sr. Bennet inclinou-se e, estendendo o braço esquerdo, que não estava engessado, carregou ele mesmo na buzina.

— Meu Deus, pai — disse Liz. — Tenha um pouco de paciência.

Os Bennets iam deslocar-se até casa dos Lucas em nada menos do que três carros: Lydia e Kitty iam no *Mini Cooper* de Kitty, e Mary insistira em levar o seu *Honda* híbrido.

— Assim, não haverá problema se o vosso pai ficar cansado e tiver de sair mais cedo — dissera a Sra. Bennet enquanto ela, Liz e Jane conferenciavam na cozinha acerca do pão de ló levemente descaído e ornamentado com morangos e mirtilos que Jane fizera.

No caminho do acesso, Liz virou-se para o pai.

— Está ansioso por conhecer o famoso Chip Bingley?

— Ao contrário da tua mãe, não me importo com quem vocês casam, nem, para ser franco, sequer se casam — disse o Sr. Bennet. — Deus sabe que a instituição do casamento não fez grande coisa por mim.

— Que belo pensamento — Liz deu umas palmadinhas no joelho do pai. — Obrigada por partilhá-lo connosco.

A Sra. Bennet apareceu à porta das traseiras, parecendo afogueada, e gritou:

— Só preciso de mais um minuto — e, antes que pudessem responder-lhe, desapareceu outra vez.

Liz deitou um olhar a Jane pelo retrovisor.

— Jane, *tu* estás entusiasmada por ires conhecer o Chip? — Jane estava a olhar pela janela; a sua postura era tão plácida que, por vezes, era difícil saber se estava aborrecida ou, simplesmente, pensativa. Fosse como fosse, nunca era uma participante particularmente fervorosa na galhofa de que o pai e as irmãs tanto gostavam.

— Acho que sim — disse Jane, no momento em que a Sra. Bennet emergia da casa.

— Que simpático da tua parte juntares-te a nós! — gritou o Sr. Bennet, pela janela aberta.

Liz ligou o motor enquanto a mãe subia para o banco de trás.

— O telefone tocou, e era a Ginger Drossman a convidar-nos para o *brunch* — disse a Sra. Bennet. — Foi por isso que demorei tanto — ao

incliná-la para o banco da frente, um olhar de preocupação aflorou as feições da Sra. Bennet. — Lizzy, com certeza ainda haverá tempo para ir lá dentro vestir uma saia.

Na sua adolescência, ou no início da casa dos 20, uma observação daquelas teria irritado Liz, mas, aos 38 anos, discutir o seu vestuário com a mãe parecia-lhe absurdo. Alegrementemente, respondeu:

— Não, estou confortável assim. — Mesmo que a mãe não tivesse consciência disso, os calções que tinha vestidos eram extremamente sofisticados, assim como a blusa branca sem mangas e as sandálias de corda.

Jane pronunciou-se quando iam a sair do caminho de acesso. Disse:

— Eu acho que a Lizzy está linda.

CAPÍTULO 5

EMBORA FOSSE TECNICAMENTE correto dizer-se que tanto Liz como Jane eram solteiras, esta qualificação não exprimia a verdadeira história de nenhuma delas. Depois do noivado precoce e infrutífero de Jane, ela conheceu um homem chamado Jean-Pierre Babineaux, um requintado financeiro francês, com quem formara um casal durante quase uma década. Embora Jane tivesse presumido que acabariam por casar, as conversas dos dois sobre o assunto eram sempre marcadas por um toque agridoce que, em retrospectiva, ela via agora que devia ter constituído um sinal de alerta. Não era que qualquer deles tivesse pouco afeto pelo outro, mas as circunstâncias das suas vidas eram incompatíveis: ele era 15 anos mais velho do que ela, divorciado e pai de um par de gémeos que, quando ela os conhecera, tinham 12 anos. Ia a Paris com frequência e, embora Jane não se pudesse queixar das suas estadias nessa cidade, onde ficava no apartamento que ele mantinha no 6.º *arrondissement*, ela não queria viver tão longe da família, muito menos permanentemente; mas o plano final de Jean-Pierre era regressar à sua cidade natal. Além disso, enquanto Jane queria, sem dúvida alguma, ter filhos, Jean-Pierre fizera uma vasectomia quando os gémeos tinham 2 anos.

O facto de ter sido protelado e decoroso não tornou o inevitável rompimento de Jane e Jean-Pierre menos devastador. Aos 37 anos, Jane estava novamente solteira, e assim continuou durante mais dois anos. Pouco depois do seu trigésimo nono aniversário, após avaliação morosa de diversos

candidatos anónimos, Jane viu-se deitada de costas, com uma bata de hospital vestida, numa clínica na Rua 57 Leste, aguardando a inserção de sêmen de um dador no colo do útero através de uma seringa sem agulha. Apesar de Jane ter seguido todas as recomendações para a criação de condições favoráveis à gravidez — deixou de beber álcool, dormia oito horas por noite e meditava todos os dias —, a fertilização não ocorreu nesse ciclo nem em qualquer outra das muitas tentativas que se seguiram. Embora, estatisticamente, isso não fosse invulgar — poucas mulheres que tentavam engravidar através da inseminação artificial tinham sucesso imediato —, aquela ausência de resultados era desencorajadora, além de cara, já que o seguro de Jane não cobria nem um centímo do custo de 1000 dólares por mês. Prevendo a desaprovação dos pais, não lhes revelara o que estava a fazer e, por isso, não recebia dinheiro suplementar além da renda, que o Sr. Bennet pagava diretamente em seu lugar. Logo, pela primeira vez na sua vida de adulta, Jane deu por si a evitar restaurantes, a prescindir de cortes de cabelo e a fugir da rua onde se situava a sua loja de vestuário preferida, com as suas saias justas elegantemente cortadas a 400 dólares e camisolas faustosas a 300 dólares. Reconhecia que tais sacrifícios não seriam considerados dificuldades pelos padrões da maioria das pessoas, mas, intimamente, sentia-se a viver uma austeridade anteriormente desconhecida.

Jane não falava dos seus esforços para ser mãe com mais ninguém além de Liz. O seu ginecologista sugerira que contasse aos pais mesmo antes da primeira inseminação, mas Jane achara que, se não conseguisse engravidar, teria, nesse caso, de suportar o duplo castigo dos protestos histriónicos que antevia por parte da mãe e de não ter um bebé. E Jane ainda tinha esperanças de acabar por casar, embora tal já não fosse o seu objetivo imediato.

Ao contrário de Jane, Liz queria evitar a maternidade. O facto de namorar um homem casado tornava essa relutância lógica, embora nem a própria Liz soubesse dizer se essa circunstância havia ocorrido por acaso ou fruto de um seu desejo subconsciente. No final dos anos 90, Liz e Jasper Wick, ambos recém-contratados no departamento de verificação de dados da mesma prestigiada revista, tinham simpaticizado de imediato um com o outro: reprimiam sorrisos quando o editor de livros, que era de Delaware, pronunciava a palavra «memórias» como *memores*; almoçavam juntos várias vezes por semana num restaurante tailandês barato e dividiam habitualmente o trabalho entre eles, quando analisavam dados para artigos difíceis. (Tinham começado a trabalhar no tempo em que os computadores

ainda tinham ligações intermitentes à Internet, e a verificação de dados implicava visitas à biblioteca pública ou esperas ansiosas pela resposta a chamadas telefónicas.)

Quando Liz e Jasper se conheceram, ele tinha uma namorada, o que não admirava: ostentava olhos castanhos profundos e caracóis louros desgrenhados e era, ao mesmo tempo, esperto e irreverente, infantil e ponderado, possuindo, na opinião de Liz, a quantidade ideal de neuroses e curiosidade para o tornar uma pessoa interessante com quem falar, receptiva a mexericos e capaz de analisar o comportamento e a personalidade alheios sem cair na falta de masculinidade. De facto, o único defeito de Jasper, aos olhos de Liz, além de ter namorada, era usar um anel de ouro da Universidade Stanford, a sua *alma mater*; Liz não gostava de ver homens usar joias nem da ostentação de títulos académicos. Mas até estava satisfeita por ter identificado a única coisa que mudaria em Jasper, o que era como descobrir o que se esquecera de levar numa viagem e que, sendo apenas o perfume e não a carta de condução, era um alívio.

No início, Liz pensara que a sua união com Jasper era apenas uma questão de tempo; ele tinha uma tal tendência para lhe confiar todos os problemas que enfrentava com a namorada, Serena, que Liz julgava não ter, *ela própria*, de o convencer de nada. Estando ainda comprometido com Serena, Jasper deixara cair bombas em conversas com Liz, incluindo «que-ro dizer, falo mais abertamente contigo do que com ela» e «às vezes, acho que nós faríamos um bom casal. Alguma vez pensaste nisso?» Liz tinha a certeza de que ele tinha dito aquelas coisas porque, embora já não mantivesse um diário, as escrevera textualmente, juntamente com a data em que haviam sido proferidas, numa folha lisa de papel de impressora que tinha sobre a mesa de cabeceira. Além disso, depois de ter dito a Jasper que, quando era pequena, se referia a si própria como Ninny ou Nin, ele começara a chamá-la por este último diminutivo.

Um dia, quando já conhecia Jasper há oito meses, ou seja, quando já estava completamente apaixonada por ele há sete meses e três semanas, durante uma tempestade de neve que caiu num sábado de fevereiro, Liz foi correr com ele no Central Park sobre 13 centímetros de neve, com flocos ainda a cair. O passo de Jasper, conjugado com a neve no chão, fizeram daquela saída o esforço físico mais penoso que Liz alguma vez suportara e ao terceiro quilómetro já não podia mais. Parou, inclinou-se para a frente, apoiou as mãos nos joelhos e disse, ofegante:

— Desisto. Ganhaste.

— A sério? — Jasper estava alguns metros à sua frente, a olhar por cima do ombro, sorrindo sob um boné de velo preto. — Qual é o meu prémio?

O teu prémio sou eu, pensou Liz.

— Podes gabar-te da vitória — respondeu. — E tens direito a uma bebida quente em qualquer bar que esteja aberto — depois, ajoelhou-se e deixou-se cair de costas sobre a neve.

Jasper voltou para trás e deitou-se ao lado dela. Ficaram calados, com os flocos a flutuar e a rodopiar no ar acima deles, sob um céu branco-acinzentado, sentindo a neve por baixo deles como uma almofada fria. Jasper deitou a língua de fora, apanhando um floco, e Liz fez o mesmo. Todos os ruídos habituais de Manhattan estavam abafados pela tempestade, e ela sentiu-se completamente feliz. Então, Jasper olhou para ela.

— Rompi com a Serena na noite passada — disse ele.

A alegria que inundou o coração de Liz... foi quase excessiva. Rezou para que a sua voz soasse calma ao dizer:

— Acho que faz sentido.

— Achas?

— Parece que vocês tinham muitos problemas.

— Mas ela está furiosa. Diz que a apanhei de surpresa — embora não fosse mais bonita do que Liz, Serena era muito mais confiante e implicativa, exigindo muito mais apaziguamento e conciliação.

Liz perguntou:

— Ainda te apetece ir à festa do Alex hoje à noite, ou preferes não ir? — Tratava-se de uma festa de São Valentim para solteiros dada por um colega de trabalho, mas, se Jasper não quisesse ir, Liz pensou que poderiam mandar vir comida feita, ver um filme e ter um serão calmo.

— É provável que vá.

Nesse momento Liz foi atacada por algo molhado e granuloso, uma substância que se desfez ao bater-lhe no nariz e se lhe espalhou pelos olhos e pelas narinas.

— Ai! — gritou. — Mas que raio? — Mas, no mesmo instante, soube o que era. Embora não lhe apetecesse muito atirar-lhe também uma bola de neve, Jasper estava a sorrir, expectante. Quando a bola de neve dela lhe passou por cima do ombro do blusão à prova de água, ele comentou:

— Oh, Nin, tenho tanto a ensinar-te.

Nesse dia, quanto tempo pensava Liz que levariam a envolver-se romanticamente? Talvez seis ou oito semanas — o suficiente para ele processar o seu rompimento com Serena, sendo *processar* uma palavra que o

próprio Jasper, ao contrário dos namorados de faculdade de Liz, usava a respeito das suas emoções. Mas, afinal, não parecia ser necessário grande processamento. Liz não sentiu necessidade de manter Jasper debaixo de olho na festa, o que tornou ainda mais descoroçoante vê-lo sair com a irmã do anfitrião, Natalie, que era calouira na NYU.

Uma namorada de consolação, disse Liz para si mesma. Perfeitamente natural, e talvez até fosse melhor para esquecer de vez. Certamente o que era óbvio para Liz — e também para outros, pois até houvera uma editora mais velha na revista que lhe sussurrara: «Tu e o Jasper Wick ficavam tão *giros* juntos» — se tornaria, em breve, evidente também para Jasper.

Infelizmente, Jasper e Natalie ficaram juntos durante dois anos e, passadas poucas semanas, Liz voltou ao seu papel da época de Serena junto de Jasper: era a sua companheira de almoço, parceira intermitente de corrida, caixa de ressonância profissional — revia o conteúdo e a forma dos artigos que ele escrevia na esperança de conseguir um tema de capa na revista — e era também a sua confidente, ajudando-o a analisar as suas preocupações acerca da imaturidade de Natalie ou a sua irritação com o colega de quarto, que, quando estava sob o efeito de drogas, consumia as tortilhas e a manteiga de amendoim de Jasper. Um dia, enquanto Natalie estava em casa dos pais, em Phoenix, Liz e Jasper beberam várias cervejas juntos numa quarta-feira à noite, num bar desprezioso perto de Times Square, e, incapaz de se conter durante mais tempo, Liz disse de rompante:

— Mas, então e *nós*? Pensei que *nos* vias como um casal!

Jasper pareceu sobressaltado.

— É isso que queres? — perguntou.

— Claro que é isso que quero! — exclamou Liz.

— Uma parte de mim também o quer — o tom de Jasper era pesaroso em vez de sedutor. — Mas connosco seria a sério, e não sei se estou preparado para isso. És uma amiga tão importante que não quero arriscar-me a perder-te.

Quando saíram do bar, antes de se separarem na Autoridade Portuária, ficaram de pé à esquina da Rua 42 com a Sétima Avenida e continuaram a conversar; havia sempre, entre eles, uma infinidade de assuntos a abordar e dissecar, a ponderar, ridicularizar e visitar. Era uma noite ventosa de março e as madeixas do cabelo castanho de Liz que se lhe haviam desprendido do rabo de cavalo fustigavam-lhe a testa e as faces.

Abruptamente, Jasper disse:

— Esta noite o teu cabelo enlouqueceu — e aproximou-se dela, de mão

estendida. Mas, ao mesmo tempo, Liz levantou o braço e afastou o cabelo e, quando o fez, Jasper retirou a mão e deu um passo atrás. Liz dedicou horas infundáveis — ou talvez mais do que horas, talvez dias e semanas — a reviver aquela ação falhada, aquela ausência de contacto. Porque o seu cabelo não enlouquecera assim *tanto*, estava sempre a escorregar dos elásticos com que o prendia, por isso era óbvio que ele tinha estado prestes a tocá-la, até mesmo a beijá-la e talvez a tornar-se seu namorado e o amor da sua vida. Ter-lhe-ia ela interrompido o gesto por hábito, porque era o seu cabelo e a sua cabeça? Porque não achava bem beijar os namorados de outras raparigas? Ou porque estava, inconscientemente, decidida a sabotar o seu próprio destino?

Na noite em que ele não lhe tocou, Liz e Jasper tinham ambos 24 anos. Nos seis anos seguintes nunca se beijaram; chegaram a dormir na mesma cama duas vezes, na casa da tia de um amigo em Sag Harbor e numa viagem de carro para fazerem uma visita à irmã de Jasper, na Universidade da Virgínia. Entretanto, Jasper colecionava namoradas — depois de Natalie houve a Gretchen, e depois de Gretchen houve a Elise, e depois da Elise houve a Katherine — e Liz saía com outros rapazes, sem grande convicção, e nunca durante mais do que alguns meses. Jasper fazia perguntas pormenorizadas acerca deles e, um dia, quando Liz estava a tentar pela primeira vez os encontros *online*, combinaram que ele e Elise iriam tomar uma bebida ao mesmo bar onde Liz ia conhecer o seu candidato virtual, para que Jasper e Liz pudessem conferenciar a meio do encontro; isto parecia uma ideia divertidíssima *a priori*, mas a sua execução foi um desastre. Claro que Jasper não contara os planos deles a Elise e, por isso, fingiu que encontrar Liz fora uma coincidência, e Liz não percebeu bem se o facto de Elise parecer acreditar naquela farsa melhorava ou piorava a situação.

Nessa época, já nem Jasper nem Liz trabalhavam para a revista onde se haviam conhecido, mas Liz ainda trabalhava no mesmo edifício, e Jasper ia lá almoçar à cantina, que fora desenhada por um arquiteto famoso e fazia lembrar, com as suas divisórias de vidro pintado de azul, uma série de aquários. Durante todos aqueles anos, a atração de Liz por Jasper e a atração aparentemente menor, mas não inexistente, de Jasper por Liz foi algo a que se referiam em tom de brincadeira — por exemplo, depois de visitarem o Guggenheim juntos, ela mostrava o canhoto do bilhete e dizia, com o que pretendia ser um sarcasmo inconfundível: «Talvez, se eu dormir com isto debaixo da almofada hoje à noite, tu te apaixonas por mim.» Ele sorria

e respondia: «Talvez.» Ainda tinham, com menos frequência mas mesmo assim regularmente, discussões emocionais e alimentadas pelo álcool, sempre iniciadas por Liz.

— É ridículo não estarmos juntos — disse ela, um dia. — Em vários sentidos, eu sou, basicamente, a tua namorada.

— Detesto estar a magoar-te — respondeu Jasper.

— Sou uma idiota — disse Liz. — Qualquer pessoa que olhasse para mim pensaria que sou uma idiota.

— Tu não és idiota — disse Jasper. — És a minha melhor amiga.

Quem lhe dera tê-lo deixado compor-lhe o cabelo!

De vez em quando Liz jurava renunciar a Jasper — dizia «A nossa amizade não é saudável» e dedicava-se brevemente ao ioga, que, exceto pela sua lealdade para com Jane, detestava —, mas os círculos sociais de Liz e Jasper sobrepunham-se tanto que, passados uma semana ou um mês, voltavam a encontrar-se numa festa ou num jogo de *frisbee*, e então conversavam sem parar sobre tudo o que tinham guardado para debater um com o outro.

Quando tinham 31 anos, Jasper anunciou o seu noivado com uma sócia petulante e simpática de uma sociedade de advogados de renome, uma mulher chamada Susan, em relação a quem Liz não achava que ele fosse menos ambíguo do que em relação às anteriores namoradas. Depois de uma corrida juntos, ele pediu a Liz que comparecesse como o melhor amigo do noivo; ao ver a expressão dela, acrescentou: «Ou a melhor amiga, como queiras.» Quando Liz começou a soluçar, ele perguntou: «O que é? O que é?», e ela fugiu a correr e não lhe falou durante cinco anos; embora ainda o visse em eventos da comunicação social, não foi ao casamento dele, quanto mais participar na cerimónia.

Um sábado, na primavera de 2011, Liz e um oboísta que conhecera num encontro às cegas encontraram Jasper e Susan no High Line, indo Jasper a empurrar um carrinho onde dormia um bebé. Susan cumprimentou Liz calorosamente — tal como Elise, Susan sempre parecera estranhamente imperturbável perante Liz, o que levava esta a perguntar-se em que termos lhe explicaria Jasper a amizade deles — e os cinco acabaram por partilhar um *brunch*, durante o qual o bebé, um rapaz chamado Aidan, acordou e guinchou tão ininterruptamente que Liz não pôde deixar de perder ligeiramente Jasper. Nessa segunda-feira de manhã, Jasper mandou um *e-mail* a Liz: *Foi ótimo ver-te. Tenho muitas saudades da nossa amizade.*

Após uma troca de mensagens, encontraram-se para almoçar num dia

de semana e conversaram sobre artigos recentes que ambos tinham adorado ou detestado, e depois Jasper confessou a pressão financeira que sentia, agora que Susan decidira que queria deixar o Direito e ficar em casa a tratar de Aidan. Os últimos anos pareciam ter sido difíceis: enquanto recém-nascido, Aidan sofria de cólicas; Susan tivera, no início, dificuldades em amamentar, embora agora não quisesse deixar de o fazer; e passava tempos infinitos *online*, tentando descobrir quais os produtos químicos potencialmente tóxicos contidos nos produtos de limpeza usados nos tapetes do átrio do prédio. Entretanto, Jasper não avançava na carreira, apesar dos seus esforços. Sabia que era capaz de gerir uma revista — ainda era editor principal em vez de editor executivo, sendo este último o ponto de partida habitual para se ascender a editor-chefe — e estava interessado nas ideias de Liz acerca de qual poderia ser a publicação mais adequada para ascender na profissão. O grande respeito de Jasper pelas ideias e opiniões de Liz, e o seu desejo de obter uma reação dela acerca de todos os assuntos, até sobre se seria estranho que a mulher ainda estivesse a dar de mamar a um bebé de 19 meses, constituíam, ao mesmo tempo, a dinâmica mais lisonjeira e mais insultuosa a que ela já fora sujeita. Liz pensou que, se tal fosse possível, ele instalaria um cordão a ligar o seu cérebro ao dele, ou talvez se limitasse a descarregar o conteúdo do seu córtex cerebral.

A vez seguinte em que Liz e Jasper se encontraram depois do intervalo de cinco anos foi para tomar uma bebida e, depois da terceira rodada, Jasper disse que ele e Susan tinham, em conjunto, chegado à dolorosa conclusão de que o seu casamento tinha chegado ao fim, e que, embora ambos tivessem a melhor das intenções, haviam concordado que tinham cometido um erro ao escolherem-se um ao outro. O problema era que, se Susan ou qualquer um dos seus irmãos se divorciasse, a avó profundamente católica de Susan, uma mulher rica, rancorosa e surpreendentemente vigorosa de 98 anos que vivia no Upper East Side, deserdá-los-ia, e Aidan não poderia, assim, frequentar um colégio privado. Por isso, embora Jasper e Susan tivessem autorização mútua para terem relações extraconjugais, continuariam a viver juntos até à morte da avó de Susan. Depois de lhe transmitir esta informação, Jasper engoliu em seco, e tinha lágrimas nos olhos castanhos quando disse:

— Foste sempre tu, Nin. Fiz tantas asneiras, mas foste sempre tu.

Por vezes, durante o silêncio que os separara por cinco anos, Liz permitira-se a fantasia de que Jasper apareceria no seu gabinete ou no seu apartamento — talvez, como nos filmes, depois de uma corrida à chuva

— para lhe declarar o seu amor com veemência. Nesses cenários, ele poderia mesmo dizer *foste sempre tu*. Mas não estaria ainda legalmente casado com Susan; e com certeza não seria pai de um bebé de 19 meses. No entanto, através da névoa tremeluzente e macia dos três gins que já bebera, Liz pensou que aquelas circunstâncias comprometedoras davam uma certa credibilidade à situação: *não era* demasiado bom para ser verdade. Ela *não precisava* de ficar perturbada por obter tudo o que sempre desejara.

De volta ao apartamento de Liz, a consumação do que quer que existisse entre eles também não foi a realização de um sonho — naturalmente, 14 anos de expectativa e mais de meia dúzia de *cocktails* entre eles não ajudaram muito —, mas foi adequada e, mais tarde, quando Jasper adormeceu abraçado a ela, Liz desejou ter sabido, aos 22 anos, que, no final aquilo aconteceria. A Liz de 22 anos poderia ter ficado um pouco menos encantada quando, 40 minutos depois, Jasper acordou, tomou duche à pressa e correu para casa, para os braços da mulher e do filho; apesar do acordo conjugal de Jasper e Susan, na manhã seguinte era a vez de Jasper se levantar com Aidan às 5h da manhã.

Passada uma semana, Jasper já fora mais três vezes ao apartamento de Liz, em duas das quais dormira lá; os padrões estavam estabelecidos. Os inconvenientes desta espécie de relação eram de tal maneira óbvios — como havia membros da família alargada de Susan que eram leais à sua avó e viviam em Manhattan era necessária discrição, e Liz e Jasper não podiam, por isso, jantar juntos em restaurantes, nem aparecer como um casal em eventos de trabalho — que nem valia a pena falar sobre eles. Por outro lado, ela apreciava a proximidade genuína, assim como a intimidade física, com alguém que conhecia bem e de quem gostava muito, e o facto de, mesmo assim, ter tempo para trabalhar, correr, ler e estar com os amigos — talvez, na verdade, mais tempo do que quando esquadrinhava *websites* de encontros ou passava três horas seguidas a analisar o facto de ainda estar solteira com Jane ou com outras mulheres. Algumas amigas sabiam de Jasper, assim como a sua irmã mais velha, e as suas reações céticas eram, para Liz, suficientemente dissuasoras para a impedirem de fazer mais comentários sobre aquela situação invulgar; era demasiado fácil dar a impressão de que Jasper estava, simplesmente, a ser infiel.

Numa noite de sexta-feira, no final de maio, dois anos depois da reconciliação entre Liz e Jasper, Liz estava no apartamento de Jane; esta cortava couve frisada para uma salada enquanto Liz abria a garrafa de vinho tinto que levava.

— Vais mesmo obrigar-me a beber sozinha outra vez? — perguntou Liz.

— Estou a criar um ambiente uterino favorável — replicou Jane.

— O que quer dizer que, sim, estou por minha conta.

— Desculpa — Jane franziu o sobrolho.

— Não peças desculpa — Liz tirou um copo de uma das prateleiras de Jane. — E qualquer feto que habite o teu útero será um sortudo. Aposto que tens o Ritz dos úteros. *Uteri?* — Liz ergueu o copo cheio. — Aos nomes latinos e à reprodução. — Jane tocou com o seu copo de água no copo de Liz, e esta acrescentou: — Lembras-te da Sandra, do meu escritório, que levou três anos a ficar grávida? Ela disse que foi a um acupuntor que... — no seu bolso, o telemóvel de Liz zumbiu e ela perguntou-se se seria Jasper; Jane parecia ter pensado o mesmo, porque inquiriu, sem esconder totalmente a desaprovação:

— É ele?

Mas não era; era a irmã delas, Kitty. Liz levantou o telefone para que Jane visse o ecrã antes de dizer:

— Olá, Kitty. Estou aqui com a Jane.

— É o pai — disse Kitty, e estava, claramente, a chorar. — Está no hospital.

CAPÍTULO 6

MEIA HORA DEPOIS de se ter queixado à Sra. Bennet de azia, que atribuiu à vitela à caçador que ela fizera para o jantar, o Sr. Bennet subira as escadas do átrio do primeiro andar da mansão Tudor para o segundo andar e desmaiara, respirando a custo. Lydia ouvira-o cair, Mary chamara o 112 e ele fora transportado de ambulância para o Hospital Christ.

Ao receber a chamada de Kitty no apartamento de Jane, Liz começara, de imediato, a procurar voos, enquanto Jane guardava a comida; afinal, os últimos voos do dia para Cincinnati, tanto partindo de La Guardia como do JFK, já tinham descolado. Com reservas para o dia seguinte de manhã, Liz voltou ao seu apartamento, atirou roupas para dentro de uma mala, dormiu um sono inquieto durante algumas horas e voltou a encontrar-se com Jane para lá do controlo de segurança do Terminal D de La Guardia,

às 6h da manhã. Nessa altura, o pai delas já saíra de uma operação de seis horas e estava na unidade de cuidados intensivos, entubado e inconsciente.

Embora, quando Liz e Jane chegaram ao hospital, vindas diretamente do aeroporto, o Sr. Bennet já estivesse acordado e o tubo de ventilação lhe tivesse sido retirado, estava assustadoramente abatido e parecia muito mais pequeno com a bata do hospital vestida do que com o seu vestuário habitual, composto por calças caqui, camisa e *blazer* azul-marinho. Ao vê-lo, Liz reprimiu as lágrimas e Jane chorou abertamente.

— Minha querida Jane... — disse o Sr. Bennet, mas não falou mais; não disse piadas que as tranquilizassem. Os diversos fios que monitorizavam os seus sinais vitais apitavam com indiferença.

Permaneceu uma semana no hospital. Mas, no segundo dia após a cirurgia, já fora transferido dos cuidados intensivos para a unidade de recuperação, e a sua saúde melhorara substancialmente. Em pequenos passos que eram menos evidentes em permanência do que em momentos fugazes, a sua tez recuperou o brilho, a sua energia aumentou, o seu humor mordaz regressou e, nessa altura, tudo parecia ir mesmo correr pelo melhor.

Entretanto, as irmãs Bennet mais velhas adaptaram-se rapidamente a determinados hábitos. Dormiam em camas individuais no quarto do terceiro andar que, quando estavam a crescer, pertencera a Liz. Esta programara o despertador do telemóvel para as 7h da manhã, hora a que se levantavam e iam correr juntas antes que o dia ficasse demasiado quente: fazendo a curva da Grandin Road, passando pelo proeminente Clube de Campo de Cincinnati, virando à direita na Madison Road e outra vez no Observatório, e depois subindo a longa encosta da primeira colina da Edward's Road, que era pouco inclinada mas infundável, e a segunda colina da mesma rua, que era curta e íngreme. De regresso a casa, comiam cereais, tomavam duche à vez e decidiam o que precisava de ser feito nesse dia.

A percepção das irmãs de que a mansão Tudor, construída em 1903, se encontrava num estado de profunda degradação esteve, inicialmente, ofuscada pela preocupação com a saúde débil do pai, mas foi-se afirmando com insistência crescente à medida que o Sr. Bennet melhorava. Nos últimos 20 anos, Liz e Jane tinham feito visitas de três dias a casa, geralmente na época das férias, e Liz apercebeu-se, olhando para trás, que a mãe passara, provavelmente, semanas a preparar a sua chegada em todas essas ocasiões. Desta vez, como a Sra. Bennet não fizera quaisquer preparativos, havia correio em pilhas sobre a mesa de mármore do átrio de entrada; o bolor alastrava no lavatório da casa de banho do terceiro andar; viam-se teias de aranha

agarradas aos candeeiros e aos cantos dos tetos; e Jane e Liz partilhavam um quarto porque a cama e a maior parte do chão do quarto ao lado, que anteriormente pertencera a Jane, estavam cobertas por caixas de vários feitios, algumas vazias, contendo apenas plástico com bolhas, e outras ainda por abrir, enviadas por diversos retalhistas de luxo para a Sra. Frederick M. Bennet. No dia antes de o pai ter alta do hospital, Liz usou a lâmina de uma tesoura para abrir três embalagens, que continham, respetivamente, uma almofada sumptuosa de cor creme coberta por um ananás bordado; um conjunto de toalhas de banho azul-real com o monograma da Sra. Bennet; e 12 pratos de sobremesa com *Yorkshire terriers* pintados (os Bennets nunca tinham tido um *Yorkshire terrier* — nem, aliás, qualquer outro cão).

O facto de a mãe dedicar uma atenção excessiva a artigos para a casa não era novidade; normalmente, o que levava a Sra. Bennet a telefonar a Liz, em Nova Iorque, era para perguntar-lhe se precisava de, por exemplo, um bule para chá de porcelana com desenhos de heras que costumava custar 260 dólares, mas estava em saldos por 230. Invariavelmente, sem abordar o tema de quem pagaria o bule em questão, Liz declinava com pesar; parecia encantador, mas ela tinha tão pouco espaço, e, além disso, conforme recordava à mãe, não era grande bebedora de chá. Um dia, há vários anos, Liz deixara-se convencer a aceitar como presente uma enorme travessa com um friso dourado — «Para os teus jantares!», dissera a Sra. Bennet, alegremente —, mas, ao saber, 18 meses depois, que, durante todo aquele tempo, Liz não dera qualquer jantar, a Sra. Bennet insistira para que Liz devolvesse a travessa. Os portes de correio tinham custado 55 dólares. Portanto, não, não era segredo que a mãe tinha um fetiche por qualquer tipo de decoração doméstica, mas a quantidade desmesurada de artigos guardados no antigo quarto de Jane, somada ao facto de haver tantas caixas por abrir, fizeram Liz perguntar-se se não haveria ali envolvido algum tipo de patologia.

Entretanto, quase diariamente, a mansão Tudor ia revelando as suas falhas: torneiras a pingar, soalhos a lascar, lâmpadas esconsas de tamanhos invulgares que se tinham fundido. Em muitos casos, Liz não conseguia perceber se um determinado problema, como por exemplo a mancha de humidade de 2,5 metros quadrados na parede leste da sala de estar, era recente ou se os pais e as irmãs o tinham simplesmente ignorado durante meses ou anos.

O hectare de terra que rodeava a mansão Tudor também apresentava os seus problemas, incluindo uma vasta área, atrás da casa, coberta por hera venenosa e um fungo no grande sicómoro sob o qual Liz fazia, em

tempos, piqueniques para as suas bonecas. Tanto quanto lhe era dado observar, o pai não fazia qualquer trabalho no jardim há já algum tempo, exceto cortar a relva, e desde que adoecera já nem isso fazia. Um dia ocorreu a Liz, enquanto esperava em linha por um orçamento de jardinagem, que a casa dos pais era como uma pessoa extremamente obesa que já não conseguia ver, tocar ou tomar conta de todo o seu corpo; era simplesmente grande de mais, e a pessoa — eles — estava fatigada e perdera a flexibilidade.

Durante as horas diárias que destinara ao trabalho, Liz abria o portátil na secretária de fórmica cor-de-rosa que os pais lhe tinham comprado em 1987 e respondia a perguntas dos editores da *Mascara* acerca de um artigo que entregara recentemente, marcava ou fazia entrevistas, esquivava-se ou dava continuidade a contactos com directores de comunicação. Além de escrever sobre vários temas, Liz redigia três miniperfis por mês para a coluna permanente da *Mascara* «Mulheres que Ousam» — por exemplo, um cabo no Iraque, uma instrutora de aeróbica cega ou a diretora de uma escola em Wichita que salvara os seus alunos de um tornado. Embora, secretamente, Liz visse aquelas figuras como «Mulheres Atraentes e Bem Arranjadas que Ousam», descobri-las e entrevistá-las era a sua parte preferida do trabalho.

Jane, pelo contrário, não tentava trabalhar a partir de Cincinnati. Algumas vezes por semana ia a uma aula de ioga num estúdio em Clifton, mas como aluna, não como professora. Ainda assim, os dias passavam surpreendentemente depressa para ambas, num ciclo de corridas matinais, consultas médicas, recados, preparação de refeições e jantares em família. Maio dera rapidamente lugar a junho, e junho a julho.

Jasper e Liz trocavam mensagens com frequência, por vezes de hora a hora. Liz recebera dele, juntamente com uma fotografia do vendedor de sanduíches com turbante que costumava estar na esquina da Rua 55 com a Sexta, a seguinte mensagem: *Tenho a certeza de que este tipo tem saudades tuas.*

Liz voltara a Nova Iorque por uma noite depois de o pai ter tido alta do hospital, uma viagem que lhe permitiu encontrar-se com a sua editora, ir buscar mais roupa ao seu apartamento e ao de Jane, deitar fora as embalagens abertas de iogurte que haviam ficado nos respetivos frigoríficos, doar a sua planta de bambu e dar cópias das chaves a uma secretária da Barnard College's Residential Life & Housing Office, uma mulher que, em cima da hora e com um bom humor surpreendente, descobrira estudantes

universitários que seriam, até 31 de agosto, subarrendatários de Liz e Jane. Logo que concluiu estas tarefas, mas antes de voltar para o aeroporto, Liz encontrou-se com Jasper no apartamento dele às 11h da manhã de terça-feira; quando estava a chegar, Susan e Aidan estavam a sair para uma aula de ginástica. Embora não se vissem desde o seu encontro em High Line, dois anos antes — entretanto, Aidan transformara-se de um bebé grande numa pessoa em miniatura —, Susan disse, com tanta naturalidade como se estivesse a cumprimentar um vizinho:

— Olá, Liz.

Mas, assim que Susan e Aidan partiram e Liz e Jasper tiraram a roupa no quarto — não tinham muito tempo e, de qualquer forma, já haviam, há muito, passado a fase do esforço de sedução —, Liz sentiu um desconforto que era tão inesperado quanto previsível. Perguntou:

— Tu e a Susan ainda dormem juntos nesta cama?

— Quando dormimos, é como irmãos — disse Jasper. — E é só por o nosso sofá ser tão desconfortável. Não te esqueças de que ela tem um namorado.

Nu, Jasper subiu para a cama, que estava desfeita, com os lençóis beges e o cobertor de algodão cor de alfazema puxados para os pés do colchão. Houve um momento em que Liz quase não conseguiu continuar — a visão de Aidan, juntamente com aquele cenário saído da domesticidade que persistia entre Jasper e Susan, fosse qual fosse o acordo entre eles, era demasiadamente confrangedor. Mas ali estava Jasper, e a prova fisiológica de que estava pronto era já evidente; e ele era um homem bonito; e ela precisava de estar a horas no aeroporto; e a realidade era que também ela queria fazer sexo — já não o fazia há algum tempo e passaria de novo algum tempo até voltar a fazê-lo. Desapertou e tirou o sutiã, que era a última peça de roupa que lhe restava, e juntou-se a ele na cama. Cinco horas depois, o seu avião aterrou em Cincinnati.